

A emigração portuguesa qualificada sempre existiu

Em contextos de paz e estabilidade política, a probabilidade de migrar é tanto maior quanto maior for o volume de capitais que o potencial migrante possa acionar para avaliar as oportunidades de migração e decidir sobre elas. O caso português não foge à regra: a emigração qualificada sempre existiu e sempre foi relativamente elevada, embora tenha conhecido mudanças e compensações variáveis. Nos anos 60, era relativamente invisível, quer porque envolvia poucos migrantes em termos absolutos, em consequência dos baixos níveis de qualificação da população portuguesa, quer porque se dirigia sobretudo para as então colónias africanas, não aparecendo por isso nas estatísticas sobre a emigração internacional. Seria, também por isso, parcialmente compensada pelo repatriamento dos portugueses de África em 1975. Na nova emigração da era do euro, os qualificados que saem do país, maioritariamente para se estabelecerem noutros países europeus, cresceram em número, e portanto em visibilidade, sensivelmente ao mesmo ritmo a que cresceu a qualificação da população portuguesa, em geral. A crise e as políticas de austeridade terão induzido mudanças que se traduzem num maior crescimento da emigração qualificada nos últimos quatro anos e, sobretudo, num crescente saldo negativo nos fluxos de qualificados de e para Portugal. Os efeitos sistémicos de rede decorrentes deste crescimento recente estão a criar condições para a continuidade do fluxo, mesmo depois de reduzida a intensidade dos fatores de repulsão que estiveram na sua origem. O contributo da imigração será pois indispensável para compensar as perdas de recursos qualificados que tenderão a tornar-se estruturais.

Rui Pena Pires (ISCTE-IUL, CIES-IUL, Observatório da Emigração)

NOTA BIOGRÁFICA

Sociólogo, professor no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), investigador no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) e coordenador científico do Observatório da Emigração.